



(AMINHOS PARA A CULTURA DO
BEM VIVER

AILTON KRENAK



CAMINHOS PARA A CULTURA DO
BEM VIVER

AILTON KRENAK

ORGANIZAÇÃO BRUNO MAIA

SUMÁRIO

CONEXÃO

A ORIGEM DO BEM VIVER

O QUE NÃO É O BEM VIVER

RIOS VOADORES

IDEIA DE NATUREZA

TERRA COMO ORGANISMO VIVO

EDUCAÇÃO E BEM VIVER

PANDEMIA

SER KRENAK

NOSSOS ANCESTRAIS

AUTOR

LIVRO

CRÉDITOS



CONEXÃO

Nós estamos vivendo um momento no nosso Planeta que suspende a todos nós do nosso estado cotidiano. E não podemos operar no automático. Cada um de nós acordou nesta manhã com a experiência de um repouso e uma recepção de um dia novo que nos aparece. Nós não podemos viver no automático.

Eu convido vocês a experimentarem alguma mudança nesse contato e pegarem algum elemento da natureza, como folhas, pedras, terra, um pouco de água, ou outros. A ideia é que vocês tenham alguma experiência daquilo que chamo de fricção com a vida, para não vivermos em câmera lenta. Para vivermos em conexão. Isso permite fazermos uma experiência sensorial, que é exatamente a de transpor essa distância.

Então, mediados por esses materiais, podemos ficar nessa ligação com o que é mineral, com o que é vegetal, com esses elementos da natureza, porque eles estão no nosso corpo também. Então a gente pode fazer uma conexão por meio deles. Podemos fazer uma experiência de uma conexão que não é só virtual. Podemos fazer uma conexão sensorial, em outros termos, com o propósito desse nosso encontro, porque assim ele fica mais potente e mais animador para todos nós.



A ORIGEM DO BEM VIVER

A origem do Bem Viver tem uma importância tão grande, pois ela chegou para a maior parte de nós, aqui no Brasil, que temos uma língua, que é o Português, mediada por uma outra língua, que é o Espanhol ou Castelhana, fazendo referência a uma prática ancestral dos povos que viviam nessa cordilheira dos Andes. Eles são os nossos parentes Quechua, Aymara, uma constelação de povos que viveram séculos nessa cordilheira e que tinham, em comum, uma cosmovisão, em que essa cordilheira viva, cheia de montanhas e vulcões, todos aparentados uns dos outros, tem um significativo nome de *Pachamama*, Mãe Terra, coração da Terra.

Os nossos parentes Quechua e Aymara têm, ambos, em suas línguas, com pequena diferença de expressão, uma palavra que é *Sumak Kawsai*. “O *Sumak Kawsai* é uma expressão que nomeia um modo de estar na Terra, um modo de estar no mundo. Esse modo de estar na Terra tem a ver com a cosmovisão constituída pela vida das pessoas e de todos os outros seres que compartilham o ar com a gente, que bebem água com a gente e que pisam nessa terra junto com a gente. Esses seres todos, essa constelação de seres, é que constituem uma cosmovisão.”



O QUE NÃO É O BEM VIVER

Quando tiraram daquela cosmovisão uma ideia traduzindo para o Espanhol e a chamaram de *Buen Vivir*, e depois, para o Português, como Bem Viver, a gente já fez tantas pontes, que nós nos aproximamos muito mais de uma coisa que é ocidental. Essa proposta ocidental não tem a ver com a cosmovisão ameríndia, mas foi a experiência mais avançada que a Europa conseguiu promover depois da II Guerra Mundial. Essa experiência ficou marcada como a Social Democracia, principalmente a partir da Alemanha. Teve lideranças muito importantes na Europa, entre eles o Willy Brandt e alguns outros. Parece que o último herdeiro foi Helmut Kohl e também o François Mitterrand, da França. São pessoas que tinham uma visão de mundo e que buscaram constituir uma economia e uma política em relação à distribuição de riqueza. Eles chegaram a instituir uma prática que era o estado de bem-estar. Esse estado de bem-estar era uma ideia apoiada na economia e na política. A política como um motor de uma atividade onde a economia ia criar uma distribuição da riqueza a todos, o acesso a tudo, à educação, à saúde, à infraestrutura, tudo o que um país, ou uma nação imagina que é necessário para que as pessoas tenham acesso igual às coisas boas e essenciais para a vida. Ora, isso foi no contexto da Europa, e a disputa foi tão grande que acabou sendo abandonada essa perspectiva de bem-estar para todo mundo e ficou limitada a uns países muito ricos da Europa. E, de vez em quando, nesses países a ideia do bem-estar fica comprometida. Isso é só para a gente demarcar a diferença entre o bem-estar e o *Sumak Kausai*, ou *Buen Vivir*, essa expressão que vem do castelhano.

Bem Viver não é definitivamente ter uma vida folgada. O Bem Viver pode ser a difícil experiência de manter um equilíbrio entre o que nós podemos obter da vida, da natureza, e o que nós podemos

devolver. É um equilíbrio, um balanço muito sensível e não é alguma coisa que a gente acessa por uma decisão pessoal. Quando estamos habitando um Planeta disputado de maneira desigual, e no contexto aqui da América do Sul, do país em que vivemos que é o Brasil, que tem uma história profundamente marcada pela desigualdade, a gente simplesmente fazer um exercício pessoal de dizer que vai alcançar o estado de *Buen Vivir*, ele é muito parecido com o debate sobre sustentabilidade, sobre a ideia de desenvolvimento sustentável. Uma vez, afirmei que sustentabilidade era vaidade pessoal, uma vida sustentável era vaidade pessoal. O que eu queria dizer com isso é que, se a gente vive em um cosmos, em um vasto ambiente, onde a desigualdade é a marca principal, como que, dentro dessa marca de desigualdade, nós vamos produzir uma situação sustentável? Sustentável para mim? A sustentabilidade não é uma coisa pessoal. Ela diz respeito à ecologia do lugar em que a gente vive, ao ecossistema que a gente vive. Por exemplo, se vocês estão na Mata Atlântica, na faixa do litoral, então a ecologia é a da Mata Atlântica. Os nossos parentes Guarani e o pessoal que vive na Serra do Mar, que vivem na grande faixa de litoral do Rio, estão na Mata Atlântica, esse lugar maravilhoso.



RIOS VOADORES

Muitos de vocês já ouviram falar da ideia dos rios voadores. É um nome muito bem-vindo e uma ideia muito legal para nomear esse fenômeno. Assim como a floresta amazônica produz vapor, oxigênio, água e essa maravilha que é a chuva, que viaja para cá pelos rios voadores, a ideia do Buen Vivir também voou de lá dos Andes para cá.

O volume de água que vem pelo ar é comparado ao volume de água dos grandes rios, e alguém já estimou o volume dessa água comparando-o à parte da formação do rio Amazonas. É como se a gente tivesse um rio correndo na terra, e outro no céu. Esses rios voadores vêm limpos. É quase como oxigênio puro nesse estado em que ele voa, pelas nuvens, cria essa densidade, até despencar sobre o Sudeste, proporcionando a agricultura e todas as nossas atividades que precisam de chuva, trazem a chuva aqui para a Mata Atlântica. Esses rios voadores saíram da floresta Amazônica e levaram um susto para os paulistas quando levaram a fumaça das queimadas da floresta para transformar um dia, que costuma ser luminoso em São Paulo, em um dia extensão da noite, como se fosse uma escuridão. Os paulistas ficaram muito apavorados com aquele fenômeno, e parece que fez com que o pessoal do sudeste despertasse para a tragédia que estava acontecendo na Amazônia, com a queimada das florestas.



IDEIA DE NATUREZA

É muito diferente o fundamento de cada uma dessas perspectivas, de Bem Viver e bem-estar. O bem-estar está apoiado em uma ideia de que a natureza está aqui para nós a consumirmos. Mesmo que a gente faça de maneira consciente e cuidadosa, mas tem um fundamento, uma ontologia, que sugere que nós humanos somos separados dessa entidade, que é a natureza, e que a gente pode incidir sobre ela e tirar pedaços dela. Tirar pedaços dela, como? A gente tira pedaços dela removendo as montanhas. A gente tira pedaços dela fazendo uso da água, do solo, dessa atividade antiga dos humanos que é a agricultura, da maneira exaustiva e predatória. Mesmo quando utilizamos a ciência e a tecnologia, o propósito é aumentar a capacidade de exaurir esse organismo. Nós achamos que podemos consumir a Terra. Essa é a ideia do bem-estar. Para o bem-estar humano, a gente pode consumir a Terra.

Nós, no meio do ano, já entramos no vermelho, porque a gente já consumiu o que seria um Planeta, e a gente começa a consumir o Planeta do ano que vem. Nessa observação sobre o bem-estar, para que a gente estendesse essa ideia de bem-estar para todo mundo, a gente precisa destruir o Planeta. O *Buen Vivir*, o *Sumak Kausai*, esse ser humano, subordinado a uma ecologia planetária, nós também, nosso corpo, assim como todos os outros seres, ele está dentro dessa ecologia ou dessa vasta biosfera do Planeta como um elemento de equilíbrio e regulador. Nós não somos alguém que age de fora. Nós somos corpos que estão dentro dessa biosfera do Planeta Terra. É maravilhoso, porque, ao mesmo tempo em que somos dentro desse organismo, nós podemos pensar junto com ele, ouvir dele, aprender com ele. Então é uma troca mesmo, de verdade. Não é você incidir sobre o corpo da Terra, mas é você estar

equalizado com o corpo da Terra, viver, com inteligência, nesse organismo que também é inteligente, fazendo essa dança, que já me referi a ela como uma dança cósmica.



TERRA COMO ORGANISMO VIVO

Esse Planeta maravilhoso não é um bloco flutuante no espaço. Ele é Gaia, esse organismo, que os cientistas mais afinados com o princípio da vida, inclusive com uma percepção, profundamente informada pela cosmociência, que é o estudo do cosmos, entendem o organismo da Terra e essa galáxia, onde a Terra está como parte de uma fantástica constelação de vida. A vida não é só no Planeta Terra. A vida é para além do Planeta Terra, mas para os humanos a Terra é a nossa ecologia! Esse maravilhoso organismo da Terra é a ecologia que existe em nós, no nosso corpo.

Nós humanos não somos capazes de viver em Marte, por exemplo. Tem uma experiência recente de fazer uma plataforma no espaço. Há algumas semanas, um foguete levou astronautas para o espaço nesse projeto ambicioso, mas definitivamente para nós vivermos no espaço só se for com um aparato como aquele que o astronauta usa. É complicado ainda para vivermos fora daqui, da atmosfera da Terra. Por isso que eu adoro a Terra, eu tenho uma alegria tão grande de habitar esse organismo fantástico que é a Terra, Gaia. Para muitas culturas, muitas tradições nós tivemos origem aqui nesse lugar, que é esse Planeta. Para algumas outras narrativas, existe a possibilidade desse Planeta mesmo, que compartilhamos a vida com ele, ser um fenômeno tão fantástico, constituído, talvez há bilhões de anos, por outras estrelas e transformações que aconteceram em outras galáxias. Então, isso é maravilhoso. A gente poder fazer parte dessa história que é do cosmos, do universo. É por isso que o povo indígena tem cosmovisão.

Para vocês entenderem, quando falam de cosmovisão Yanomami, cosmovisão Guarani, é exatamente porque essas tradições remontam a uma narrativa de criação de mundo. Então são mundos. Para os jovens, o pessoal que está entrando em contato

com o campo da ciência, das informações sobre a vida no nosso Planeta, eu acho que é muito importante terem contato com a ideia de que a Terra é um organismo vivo, que ela não é uma coisa. E isso, fundamentalmente, distingue o que é bem-estar do que é Bem Viver. O Bem Viver não é distribuição de riqueza. Bem Viver é abundância que a Terra proporciona como expressão mesmo da vida. A gente não precisa ficar buscando uma vantagem em relação a nada, porque a vida é tão próspera que é suficiente para nós todos.



EDUCAÇÃO E BEM VIVER

Sobre a educação, os sistemas que lideraram desde o século XIX, e no século XX, se configuraram mesmo com esse formato que são as escolas nos países todos. Eu acredito que essa experiência vai ser muito solicitada na pós-pandemia e vai ser exigida a se transformar em alguma coisa mais capaz de dar conta de uma realidade muito desfavorável. E seu funcionamento, esse modo de funcionar, vai ter que se abrir para outras perspectivas. Ele vai ter que se abrir para outras perspectivas e possibilidades de engajamento da rede familiar. Ele vai exigir uma espécie de colaboração entre os educadores. Os educadores vão precisar engajar as famílias para dar conta do desafio para frente.

Muito provavelmente esse formato que a gente teve, no século XX, chegou até agora, o formato escola, ele vai ter que se espriair. Ele vai ter que ter outra configuração, incluindo essa experiência que estamos tendo de nos falar usando tecnologia. Vai ser muito provavelmente uma forte ampliação do uso de tecnologias, engajamento das famílias, e os educadores vão ter que ocupar um outro lugar, diferente do que eles ocuparam nesta sociedade predatória e de consumo que chegamos até agora. Os educadores vão ter que reivindicar um outro lugar, que é um lugar de engajamento com as famílias na formação de pessoas. Nós não podemos mais continuar atendendo a esse pedido do mercado de formar profissionais, de formar técnicos, de formar gente para operacionalizar o sistema.

Nós vamos ter que pensar em ajudar a formar seres humanos para habitar uma Terra viva, para a gente escapar do que o Bruno Latour chama de necropolítica. Se não formos capazes de nos inspirar para criar corpos vivos para uma Terra viva, nós não vamos experimentar o Bem Viver. O Bem Viver são corpos vivos em uma

terra viva. A gente não pode incidir sobre a Terra como se a gente fosse uma máquina retroescavadeira. Nós não temos que formar técnicos. A gente tem que ajudar a formar seres humanos. A ideia de que o ser humano é alguma coisa dada, um evento que já está programado, é um erro. Seres humanos são constituídos. Na história do nosso povo, o corpo, a pessoa é uma realização social, desde quando a gente é sonhado. Viemos para o mundo pela nossa família, da nossa mãe. Nós somos sonhados e depois somos acompanhados, espiritualmente, para a gente ser humano. Então o ser humano não é um evento, não é uma coisa que pipoca ali, pipoca aqui. Ele é uma construção. Na maioria de nossas histórias, a pessoa humana é uma construção.

Então vamos pensar a educação como foi pensada até agora, ela precisa ir além para poder ajudar a criar e construir seres humanos para uma Terra viva. Seres vivos para uma terra viva. Talvez o dano que a gente tenha cometido contra o Planeta, no século XX, é que a gente estava preparando técnicos e formando muitos técnicos, e a ideia era habilitar o humano para incidir sobre a vida na Terra. Tirar petróleo, furar plataforma continental, devastar a Floresta Amazônica, caçar ouro para todo lado, toda essa cosmovisão constituída de um Planeta cheio de concreto, viadutos, pontes, rodoviárias, metrô. Essa parafernália toda é uma ofensa ao corpo da Terra. A Terra respira.



PANDEMIA

Vocês que vivem no Rio de Janeiro, por exemplo, têm uma maravilhosa bênção que é viver em um lugar em que, quando o dia amanhece, parece que você leva um dia no meio da cara para saber que você está vivo. Então olha que maravilha. Não pode perder de jeito nenhum esse paraíso e transformá-lo em uma sucata. Se a gente continuar agora, depois desse caos que a pandemia causou no mundo, embalando de novo, embalando, embalando, para a gente alcançar o tal do crescimento econômico, nós vamos transformar esses lugares maravilhosos em lugares predados, onde nem vamos conseguir respirar depois. E eu tenho visto uma certa relação desse fenômeno do Coronavírus de tirar o ar da gente, fazendo a gente ficar sem respiração, como um aviso que, agora, alguns de nós estamos ficando sem ar. E a gente morre se ficar sem ar, mas Gaia, organismo vivo que é o Planeta, pode estar dizendo para a gente: “Vocês não me escutam, não é? Eu vou desligar alguns de vocês para ver se vocês entendem o que estou falando. Eu tenho o sentimento de que a Terra está desligando milhões de nós agora para ver se a gente entende. Se a gente não entender, ela pode decidir que vai desligar todo mundo. Desliga uma criancinha que nasceu hoje de manhã, e desliga um ancião de 80, 90 anos, sem nenhuma cerimônia.

Porque nós temos que entender que esse organismo maravilhoso da Terra, ele não é bobo, ele é inteligente e tem uma potência fantástica. A potência dele é incalculável. Então esse organismo vivo, inteligente, ofendido com a nossa grosseria, pode apagar a gente, e nós não faremos falta nenhuma. Como os bilhões de outros seres que habitam o Planeta, nós somos um. Se tirar a gente, nós já extinguímos uma lista de espécies, vocês sabem disso. Todos os anos, o SOS Mata Atlântica, o Greenpeace, os movimentos

ambientalistas alertam para uma lista de espécies em desaparecimento, espécies em extinção. Só nós é que não entramos na lista ainda, então, de repente, nós estamos reivindicando um direito de entrar na lista. A gente tem que pensar nisso. Os jovens, as crianças, fiquem ligados se o seu pai não tem um empreendimento que está ajudando a extinguir as espécies. Porque aí você pode falar: “Pai, esse seu empreendimento, quando for bem sucedido, eu também vou estar na fila da extinção.” Eu acho que a gente não pode esconder isso das crianças. Um amigo meu uma vez me disse o seguinte: “Nós, os brancos, não contamos coisas do mundo adulto para as crianças para não assustá-las. Eu disse para ele: “Olha, o povo indígena conta tudo para as crianças para que elas não vivam assustadas”. Para que eles sejam seres vivos em uma Terra Viva, e não seres dormindo em uma Terra viva.



SER KRENAK

O ser Krenak é uma constituição de pessoa muito formada por um sentimento coletivo. O ser Krenak não consegue se constituir sozinho. Para além da experiência de responsabilidade social, responsabilidade com o outro, que é o que constitui cidadania, a experiência de ser para nós implica uma filiação com diferentes potências da vida aqui na Terra.

É por isso que o Watu é o nosso avô. O rio Doce, Watu, nós cantamos para ele, nós conversamos com ele e desenvolvemos uma consciência, desde pequeno, que aquele ser é vivo, que ele tem personalidade, ele tem humor. O Takukrak, a montanha que está aqui a minha esquerda, eu observei hoje de manhã. Impressionante gente, porque o semblante dele hoje é de luto. A montanha está sentindo o que nós estamos sentindo ou nós estamos nos espelhando no que ela está sentindo. Minha natureza é de achar que ela influencia a gente. Quando ela está com o rosto triste, é ela que está fazendo a gente ficar triste.

Quando o rio, o Watu, foi picotado pelas hidrelétricas, antes de acontecer o derrame da lama, pessoas daqui da nossa aldeia tinham sonhos com ele e o espírito do rio reclamava da violência com que os vizinhos, o pessoal da beira do rio, tinham com ele. Ele reclamava disso e mesmo há 30, 40 anos, quando ele fazia enchentes, quando ele alagava as margens. O pessoal daqui, mais velho, que tinha sabedoria e conversava com ele, conversava com ele, porque que ele estava inundando todas as margens e ele mostrava porque ele estava inundando as margens. Então é uma pessoa, tem personalidade mesmo. Assim como você chama seu amigo, seu irmão, ou sua irmã, e ele pode ficar uns dois, três dias sem querer conversar com você,

essa montanha e esse rio também mostram isso pra gente. Podem ficar dias sem querer conversar com a gente.

Antes de ter esse nome que nos identifica, para cada um de nós, somos Burum. Os Burum é uma identidade, digamos assim, pré-contato com o mundo dos brancos. Os Burum vivem em uma outra galáxia. Apesar de vivermos em uma Reserva Indígena aqui na beira do rio Doce, os Burum habitam outros lugares também. Então, os Krenak são os Burum. Burum krãn, Burum Erehé. E conversam com o Watu, o Watu conversa com eles. São parentes do Watu.

Sobre o que nós temos na nossa cultura que pode dar pistas para o Bem Viver, para estar nesse mundo de uma maneira criativa, corpo vivo em uma Terra viva, talvez seja observar ao seu redor, muito provavelmente tem uma floresta, uma montanha, então tem tanta vida gritando ao seu redor. Escuta essa vida, dialoga com ela, estabelece relação com ela. Outro dia estava falando sobre as pessoas que têm vergonha de abraçar uma árvore. Ora, eu vejo tanta gente abraçando um automóvel por exemplo. Vocês já viram essas campanhas de lançamentos de carros novos? O carro só falta, aliás, não falta nada, as pessoas que estão dispostas a se relacionar com esse equipamento como se ele fosse uma outra pessoa, mas têm vergonha de abraçar uma árvore. São outras percepções que importam. Nós conversamos com rios e montanhas. Tem gente que gosta de conversar com carro.



NOSSOS ANCESTRAIS

Nós temos em comum, os Kadiwéu, os Krenak, os Terena, os Xavante, os Yanomami, uma constelação de povos. A gente tem em comum uma experiência de ter um vínculo com os nossos ancestrais. Os nossos ancestrais não são só a geração que nos antecedeu agora, do nosso avô, do nosso bisavô. É uma grande corrente de seres que já passaram por aqui, que, no caso da nossa cultura, foram os continuadores de ritos, de práticas, da nossa tradição.

No caso da língua materna, são os que legaram essa língua materna antiquíssima, passada de gerações em gerações, só na oralidade, pois não temos escrita. Até hoje não tem uma escrita Krenak. A gente, quando é alfabetizado, escreve em Português, mas não existia uma escrita na maioria dos nossos povos daqui, do continente. Não como a gente entende como construção de texto, de narrativa, da história. Então, não ficaram registros sobre isso. Foram transmitidos pelas práticas, por ritos, pela cultura, e nós entendemos que é um contínuo dos nossos ancestrais. É uma continuidade desde as nossas histórias antigas. Até hoje nós entendemos que estamos nesse mesmo contínuo de interação com a memória do nosso povo, com a memória da nossa cultura. Tem um poema que diz assim:

Cantando

Dançando

Passando sobre o fogo

Seguimos num contínuo

O rastro dos nossos ancestrais.

Esse pequeno poema é um canto. Ele está sempre lembrando a gente de que quando estamos andando aqui hoje, estamos

andando nos rastros de nossos ancestrais. E esse “cantando, dançando e passando sobre o fogo” é literalmente andando em cima do braseiro, que é um rito de passagem de transmissão desses saberes que, de geração em geração, passam. Para que a gente continue lembrando quem nós somos. Para a gente não ficar perdido aqui no mundo, pensando que estamos em uma plataforma utilitária. Nós temos uma origem, sabemos de onde somos, amamos esse lugar, nós o reverenciamos.

Quando a barragem lá em Mariana derramou a lama sobre o Watu, algumas pessoas daqui adoeceram, antes de a lama passar sobre o rio. Adoeceram como se fosse uma premonição. Antes da lama chegar aqui, algumas pessoas, que tinham conexão muito fina com esse ser, adoeceram de desmaiar, perder a voz, de ficar enfermos. Quando a lama chegou devastando tudo, foi um abalo. Foi igual a essa notícia da pandemia. É como se nós estivéssemos em uma sequência de eventos nos últimos 15, 20 anos, que não permitiu ainda que a gente pudesse se sentir folgado. A gente está sempre levando um choque. Uma hora é uma barragem. Uma hora é a lama. Outra hora uma ofensa, um ataque contra nossa aldeia. E mais recentemente uma pandemia, que está presente no imaginário de todo mundo. Eu não imagino alguém, que está vivendo no Planeta hoje, que não tem, no imaginário, a gravidade de um vírus que afeta o Planeta inteiro.

Para todas as aldeias Kayapó, por exemplo, o dia 17 de junho de 2020 foi um dia pesado. Então vamos reverenciar as memórias desses guerreiros, que estão desafiados e do nosso irmão que ajudou a construir a nossa Aliança dos Povos da Floresta. Tivemos juntos lá em Altamira, quando conseguimos parar, pela primeira vez, Belo Monte, que se chamava Kararaô. Depois nós continuamos

caminhando juntos e agora nós vamos seguir juntos no sentido do que estávamos comentando sobre os nossos ancestrais. Nós temos uma compreensão de que a gente continua, em outros termos, a existir. Nós somos terra. A gente volta para a terra, volta para os rios, volta para as florestas. É por isso que quando você abraça uma árvore, você pode estar abraçando um irmão.

Uma outra aldeia, que teve um contágio coletivo, se recolheu para a mata e conseguiu sobreviver, conseguiu escapar da pandemia. Mas contraíram o vírus e tiveram todos os sintomas da Covid. Ficaram na mata e se curaram. Eu estou contando para vocês saberem que não é só hospital que cura, e não é só biomedicina que pode curar, socorrer uma pessoa sofrendo o contágio. Algumas famílias indígenas se recolheram para dentro da mata, para a floresta, para ficar longe do contágio.

Uma vez um rapaz Xavante me fez uma pergunta. Ele tinha toda educação do povo dele da aldeia, mas agora ele tinha que viver na cidade. Ele entendia que eu já tinha mais experiência de viver na cidade, então ele segurou na minha mão e me perguntou: 'Como eu faço para eu entender essa linguagem da cidade?' Eu não sabia o que responder, então, do meu coração, eu consegui responder para ele o seguinte: 'Seja espontâneo'. Deixa o seu coração ser espontâneo e a sua mente ser espontânea que a montanha e tudo que está ao seu redor vão conversar com você e vão responder a você. *Erehé!*



AUTOR

Ailton Krenak é um dos maiores líderes indígenas do Brasil e ativista do movimento socioambiental. Foi alfabetizado aos 18 anos, organizou a Aliança dos Povos da Floresta, com comunidades ribeirinhas e indígenas na Amazônia, e contribuiu também para a criação da União das Nações Indígenas. Desde os anos 80, luta pelos direitos indígenas e teve uma participação fundamental nos artigos relacionados aos direitos indígenas, na Constituição de 1988. Em 2016, recebeu o título de doutor honoris causa pela Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais e em 2020 foi escolhido como "intelectual do ano" pela União Brasileira de Escritores (UBE), por meio do troféu Juca Pato, um dos mais importantes reconhecimentos da literatura brasileira.



LIVRO

Caminhos para a cultura do Bem Viver. Texto elaborado a partir de *live*, e conversas de preparação, com Ailton Krenak realizada na Semana do Bem Viver da Escola Parque do Rio de Janeiro, no dia 17 de junho de 2020, com o título *O Bem Viver e o sentido da natureza*, mediada por Bruno Maia e Nina Arouca.

Ailton Krenak foi convidado pela Escola Parque para falar sobre o Bem Viver (*Buen Vivir* em espanhol ou *Sumak Kamsai* em quechua), por ser um dos grandes narradores indígenas da atualidade, reconhecido não só no Brasil, mas também internacionalmente. O Bem Viver é uma das referências do Projeto Educar para a Sustentabilidade da Escola, e o encontro virtual contou com a participação de um público diverso, entre eles, estudantes do Ensino Fundamental, do Ensino Médio, universitários, professores e o público em geral.



CRÉDITOS

Copyright © 2020 Ailton Krenak

Ilustração Capa

Bruno Big

Projeto gráfico

Inajah Cesar

Mariana Castro

Revisão

Eliete Wermelinger

Equipe Sustentabilidade da Escola Parque

Carlos Alberto Nascimento

Nina Arouca

Bruno Maia

Vicente Barros

Perguntas da *live*

Nina Arouca

Pedro Trindade

Antonia Alvim

Catarina Dutra

Thiago Vedova

Eduardo Russel

Nina Bocchese

Onaldo Brancante

Idjahure Kadiwel

Organização

Bruno Maia

www.culturadobemviver.org

contato@culturadobemviver.org

